

# Imagens do intelectual no diário íntimo de Lima Barreto

Maria do Socorro Barbosa de Miranda<sup>54</sup>  
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Recebido em: 21/03/2017

Publicado em: 01/08/2017

## Resumo

Neste artigo, operamos um recorte de leitura do *Diário íntimo*, do escritor carioca Afonso Henriques de Lima Barreto, priorizando a análise de duas notas situadas no ano de 1908. A compreensão de narrativa autobiográfica que subjaz às análises nos leva não à busca de uma pretensa identidade ou de uma verdade sobre o autor do texto, senão que nos impulsiona, muito mais, no sentido de considerar o potencial dos registros de deslocar “verdades” e estereótipos, construídos e cristalizados ao longo do processo histórico-literário. Nesse sentido, buscamos captar, por meio das ambiguidades e da fragmentariedade que constituem o *Diário íntimo*, o modo peculiar como o narrador, a partir do seu *locus* de enunciação, constrói/desconstrói imagens de si mesmo, especialmente aquelas que estão vinculadas ao seu perfil de intelectual, e opera deslocamentos nos discursos hegemônicos de poder. As reflexões serão desenvolvidas com base, principalmente, nos estudos de Edward Said e Michel Foucault.

## Palavras-chave

Imagens. Intelectual. Lima Barreto.

---

<sup>54</sup> Doutoranda em Literatura e Cultura pelo Programa de pós-graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia.

## Introdução

O campo da arte e da representação literária está implicado num contexto de lutas e de relações de força, as quais tanto nos remetem para embates e conflitos de interesses existentes no âmbito da sociedade, quanto evidenciam a “vontade de poder” de grupos hegemônicos, empenhados na busca do controle social e na manutenção de posições e privilégios.

A obra de Afonso Henriques de Lima Barreto situa-se precisamente nesse campo de tensões e de embates. Se por um lado, os textos produzidos pelo romancista dão visibilidade a imagens que expõem as fraturas do Brasil, por outro lado, esses mesmos textos mantêm vivo o interesse do leitor pelo estudo da obra do romancista, dado o seu potencial de “remexer” as diferentes camadas da história, subvertendo os discursos de poder e abalando saberes historicamente construídos com base em preceitos de exclusão social.

Lima Barreto, apesar das sistemáticas investidas contra a sua figura, não se sujeitou aos poderes. Ao contrário, optou por aquela atitude amadora, apontada por Edward Said (2005, p. 91) como o melhor caminho para alcançar certa liberdade no âmbito de sua atuação e que permite ao intelectual “falar a verdade ao poder”.

Uma rápida incursão pela vida de Lima Barreto nos ajuda a entender melhor as questões levantadas ao longo de toda a sua obra, as suas concepções acerca da arte e da literatura e as posições assumidas perante a sociedade. Tais posicionamentos, seja no campo político e social, seja no campo da arte e da cultura, foram sempre “insurgentes”, isto é, funcionaram no sentido de questionar as estruturas de pensamento, o poder hegemônico, bem como as representações criadas por este, fato que nos leva a aproximar o escritor daquela imagem de intelectual insurgente, de Cornel West (2017), cuja característica mais evidente é o questionamento dos regimes de verdades.

O movimento de leitura que buscamos empreender neste artigo pretende engendrar novas imagens em torno da figura do intelectual Lima Barreto, na tentativa de escapar ao lugar comum da crítica literária tradicional, responsável pela criação de inúmeros estereótipos negativos atribuídos ao escritor e sua obra. Nosso esforço corresponde a uma tentativa de identificar imagens do intelectual, soterradas e recalçadas ao longo da historiografia literária.

O *Diário íntimo*, de Lima Barreto, é uma narrativa constituída de “retalhos do cotidiano”, os quais são altamente relevantes para a emergência de novos olhares sobre o mundo e sobre a realidade brasileira. O engenho e a arte do romancista dão visibilidade a

situações e fatos que denunciam as violências perpetradas contra as classes subalternas. Desse modo, o estudo aqui empreendido busca, de alguma forma, cumprir também aquele objetivo mencionado por Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo (2007), qual seja, o de tornar os registros significativos, recolhendo

(...) os discursos, as promessas, mas também as confidências e o silêncio reticente que pode vir das esquinas, dos becos, da massa anônima. Quem fala — um intelectual — e de onde fala tornam instigantes esses fragmentos em que predomina a observação, no lugar do senso prático da experiência vivida (FIGUEIREDO, 2007, p. 85-86).

Desse modo, os ditos e os não ditos, os silêncios, os fragmentos, os recortes, as escolhas por determinadas citações e trechos em detrimento de outros, tudo ganha sentido no *Diário íntimo*.

As análises desenvolvidas centram-se num recorte de leitura que compreende duas notas referentes ao ano de 1908. Com isso, esperamos contribuir para a emergência de novos significados sobre Lima Barreto e sua obra.

### **Um intelectual sincero**

As primeiras notas correspondentes ao ano de 1908 datam de 5 de janeiro. Em caráter retrospectivo, o narrador avalia o ano anterior de maneira otimista, afirmando que, conforme geralmente ocorre com os anos em sete, esse teria sido um tempo de “grandes avanços aos seus desejos” (BARRETO, 1956, p. 125). Dentre os avanços ocorridos em 1907, o escritor menciona a escrita quase completa do romance *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, o seu bem-sucedido ingresso na revista Fon-Fon, a sua participação na criação da revista de crítica literária, Floreal, e o elogio recebido do renomado crítico literário, José Veríssimo, nas páginas do Jornal do Comércio. Tais progressos associam-se a dois outros acontecimentos marcantes da vida do escritor, ocorridos em 1887 e 1897, que também são citados nas páginas do *Diário íntimo*: a sua iniciação no alfabeto e a sua entrada na Escola Politécnica.

Os movimentos descontínuos da memória trazem à tona diferentes acontecimentos, os quais partilham um traço que aponta para um desejo central na vida do romancista, o de ser escritor, e para questões vinculadas à sua militância intelectual, assumida via atividade literária. Todos os avanços mencionados ligam-se à formação e atuação de Lima Barreto, bem como à missão que ele conscientemente assume e aos desejos que o movem. Tais progressos representam, em última instância, um passo a mais no sentido de concretizar o sonho cultivado por Barreto de ser um escritor reconhecido em seu tempo. Os fatos ocorridos

no ano de 1907 são, para o narrador, indicativos de certa notoriedade conquistada, algo importante para garantir o espaço de atuação do intelectual.

O relato da visita feita pelo narrador a José Veríssimo, às vésperas do natal de 1907, dá visibilidade a um jovem escritor interessado pelas questões que giram em torno do fazer literário e atento às orientações consonantes com as linhas norteadoras do seu projeto de literatura, o qual, já nesse início da vida de Lima Barreto, começa a se delinear.

Sempre achei a condição para obra superior a mais cega e mais absoluta sinceridade. O jacto interior que a determina é irresistível e o poder de comunicação que transmite à palavra morta é de vivificar. Agora mesmo acabo de ler o Carlyle, *Hero Worship*, no herói profeta, Maomé, que ele diz ser um sincero, acrescentando: “I should say *sincerity*, a deep, great, genuine sincerity is the first characteristic of all men in any way heroic”. O Veríssimo disse coisa semelhante, dizendo-nos que a glória dos segundos românticos, do Castro Alves, do Fagundes, do Laurindo, do Casimiro, era imperecível, tinha-se incorporado à sorte da nação, porque eles tinham sido sobretudo sinceros. Concordei, porque me acredito sincero (BARRETO, 1956, p. 125).

Aos olhos do leitor e do crítico contemporâneos, o estabelecimento de uma condição a ser seguida para garantir um *status* de superioridade à obra de arte poderia significar uma atitude bastante redutora e excludente, se não fosse o “sempre achei” que precede a afirmativa, o qual nos aponta para um recorte de pensamento e para um lugar específico de fala, ou seja, aquilo que é dito é verdadeiro em relação aos posicionamentos e crenças do sujeito que enuncia o discurso. A marcação desse ponto de vista pode diminuir a violência dos discursos, mas não impede, porém, que estes se inscrevam num espaço marcado por lutas e disputas pelo poder. Eis aqui um dilema que nos coloca diante da vocação do intelectual, na sua missão de “(...) representar, dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para (e também por) um público” (SAID, 2005, p. 25).

Assumindo-se como escritor negro e suburbano e não ignorando que esse posicionamento certamente traria consequências desagradáveis à sua missão intelectual, Barreto entende que somente uma obra sincera é capaz de desvendar males, esclarecer as pessoas, depor a favor daqueles que não podem contar a sua própria história e, em suma, dar vivacidade ao pensamento, provocando abalos em saberes historicamente construídos, responsáveis pela perpetuação de desigualdades e injustiças contra as classes subalternas.

Essa concepção de Lima Barreto em torno da sinceridade que deveria nortear a produção de uma obra de arte aproxima o romancista da figura do intelectual pensada por Edward W. Said (2005) nas conferências Reith, pronunciadas na BBC de Londres no ano de 1993 e posteriormente reunidas e publicadas em livro, nas quais o crítico afirma que o

verdadeiro intelectual é alguém que se compromete em falar a verdade ao poder e, para tal, busca agir livremente, fora das instâncias que aprisionam e cooptam a ação do pensador. Ao pronunciar-se para um público e ao falar em lugar dos que não têm voz e nem representação, o intelectual, segundo Said, deve encenar “(...) todas as pessoas e todos os problemas que são sistematicamente esquecidos ou varridos para debaixo do tapete” (SAID, 2005, p. 26).

Nas seis conferências, Said reveste o intelectual de uma dignidade e de um sentido de emancipação que parecem marcar um distanciamento das considerações feitas por Michel Foucault (2005), acerca daquilo que seria o papel do intelectual. Na conversa com Gilles Deleuze, Foucault retira, de certo modo, a aura que tornava o intelectual uma espécie de semideus, portador de verdades incontestáveis, agente da consciência, afirmando que

O papel do intelectual não é mais o de se colocar “um pouco na frente ou um pouco de lado” para dizer a muda verdade de todos; é antes o de lutar contra as formas de poder exatamente onde ele é, ao mesmo tempo, o objeto e o instrumento: na ordem do saber, da “verdade”, da “consciência”, do discurso (FOUCAULT, 2005, p. 71, ênfase no original).

Em que pesem as distâncias entre os dois pensamentos, o de Michel Foucault e o de Edward Said, persiste neles, todavia, um elo que os aproxima mais do que os separa, posto que ambos não negam a existência de um sistema de poder que entremeia as relações sociais e do qual o próprio intelectual participa.

Nessa perspectiva, a sinceridade pretendida por Lima Barreto mantém uma estreita relação com o sentido não só de denúncia, mas também de luta por mudanças estruturais da sociedade, o que faz de sua obra não um mero ornamento, mas um espaço de discussão dos problemas existentes no âmbito do país. Com isso, o escritor renuncia à postura cômoda do silêncio e escapa ao risco do profissionalismo, atitude vista por Said, posteriormente, como um malefício, que pode, inclusive, matar a vocação intelectual.

A ameaça específica ao intelectual hoje, seja no Ocidente, seja no mundo não ocidental, não é a academia, nem os subúrbios, nem o comercialismo estarecedor do jornalismo e das editoras, mas antes uma atitude que vou chamar de profissionalismo. Por profissionalismo eu entendo pensar no trabalho intelectual como alguma coisa que você faz para ganhar a vida, entre nove da manhã e cinco da tarde, com um olho no relógio e outro no que é considerado um comportamento apropriado, profissional — não entornar o caldo, não sair dos paradigmas ou limites aceitos, tornando-se, assim, comercializável e, acima de tudo, apresentável e, portanto, não controverso, apolítico e “objetivo” (SAID, 2005, p. 78, ênfase no original).

As notas do *Diário íntimo* nos oferecem cenas do cotidiano, a partir das quais podemos entrever o cruzamento das esferas do privado e do público, em que fatos e expansões íntimas vinculados à vida do escritor vêm relacionar-se e misturar-se a acontecimentos do

âmbito coletivo, ligados às vivências de personagens anônimos do Brasil do princípio do século XX. Os registros tomados por Lima Barreto nos permitem vislumbrar imagens de um intelectual que, se por um lado, busca expor acontecimentos os mais diversos, sobre os mais variados assuntos, lançando mão de uma escrita sincera como via para o desvelamento de verdades encobertas pelo discurso oficial hegemônico, por outro lado, empreende a defesa dos valores nos quais acredita, não só por ser testemunha das injustiças que ele denuncia, mas também por ter ele mesmo sofrido na pele tais injustiças. Nesse sentido, o cruzamento do privado e do público remete a uma estratégia utilizada pelo escritor, na busca de produção de uma obra sincera e fiel aos princípios norteadores do seu projeto estético.

Ao concluir as lembranças dos fatos ocorridos no natal de 1907 e das reflexões sobre a sinceridade e antes mesmo de passar ao registro dos acontecimentos vinculados ao dia 02 de janeiro de 1908, o narrador do *Diário íntimo*, que tinha iniciado as notas num tom esperançoso, surpreende o leitor com a seguinte afirmativa: “A *Floreal* vai mal” (BARRETO, 1956, p. 126). Talvez a situação da revista, que não resistiu aos primeiros números, seja um indicativo dos percalços e barreiras impostas ao exercício de um intelectual que insistiu em afirmar o seu pensamento e que jamais renunciou ao seu compromisso de “falar a verdade ao poder” (cf. SAID, 2005).

### **Lima Barreto: entre fidelidades e infidelidades**

Nas páginas seguintes do *Diário*, ainda nos registros correspondentes ao ano de 1908, flagramos o olhar retrospectivo do narrador em sua visita a um passado não tão distante. As lembranças que vêm à tona nos põem em contato com vivências e concepções do escritor. Se as notas anteriores registravam o encontro do jovem Lima Barreto com o experiente crítico literário José Veríssimo, as que vêm logo a seguir informam ao leitor sobre outro encontro, aparentemente banal, em cujas entrelinhas, porém, podemos captar imagens, percepções, sentimentos que viabilizam outros vieses de entendimento do escritor e intelectual Lima Barreto, ao tempo em que também nos permitem escapar aos “lugares comuns” que aprisionam as interpretações em torno de sua obra.

Os parágrafos iniciais destacam o encontro do narrador com uma moça portuguesa de vinte e quatro anos, com quem M... A... mantém uma relação ilícita. O trabalho de organização das notas do *Diário íntimo*, realizado por Francisco de Assis Barbosa, pauta-se numa concepção linear de história, razão pela qual podemos verificar a ordem cronológica dos registros. Mesmo que aqui não nos proponhamos a refletir sobre os procedimentos do

biógrafo ou tampouco queiramos pôr em discussão os critérios utilizados por Lima Barreto no processo de escrita das notas (razões que não dispensam uma análise posterior), chama a nossa atenção os significados que guardariam os dois encontros, postos aqui em evidência, o primeiro dos quais traz para a cena a relevante figura de José Veríssimo, homem de letras, voz autorizada, reconhecido e respeitado socialmente; e o segundo centrado em Cecília, personagem marginalizada, moralmente desprezível por levar uma vida fora dos padrões sociais de conduta.

As duas personagens — José Veríssimo e Cecília — representam, cada uma por seu turno, duas posições sociais distintas e hegemonicamente desiguais e as relações que o narrador estabelece com elas marcam simbolicamente os lugares tensos e conflituosos entre os quais o intelectual Lima Barreto transita. Por um lado, o contato com Veríssimo tanto confere ao romancista certo destaque social — “Já começo a ser notado” —, apresentando-se como um caminho para a realização dos seus sonhos de escritor, quanto também “distingue” Lima Barreto dos seus iguais de condições e, em suma, daqueles a quem ele se propõe defender por meio de sua militância literária. Por outro lado, as visitas a Cecília, feitas na obscuridade, entre os temores do narrador de ser apanhado em alguma armadilha e a “alegria de devasso” que elas lhe proporcionam, não garantem qualquer posição de *status* ou estabilidade social, senão que surge mesmo como possibilidade de malogro.

Em começo, tive uma alegria de devasso — quem sabe? — que passou depressa e felizmente. Ela sentou-se na minha frente, fumei desesperadamente e conversei. Nunca estive tão bem. Tenho vinte e seis anos e, até hoje, ainda não me encontrei com uma mulher de qualquer espécie de maneira tão íntima, de maneira tão perfeitamente a sós; mesmo quando a cerveja, a infame cerveja me embriaga e me faz procurar fêmeas, é um encontro instantâneo, rápido, de que saio perfeitamente aborrecido e com a bebedeira diminuída pelo abatimento (BARRETO, 1956, p. 126).

Se de um lado é possível vincular o encontro com José Veríssimo à carreira literária de Lima Barreto, por outro lado, podemos ver no encontro com Cecília a representação do significado que a militância intelectual do escritor assume, cujo acento mais forte será sempre as classes subalternas.

A inserção, no espaço do *Diário*, de cenas cotidianas vinculadas à vida do narrador e de Cecília nos aponta para as escolhas feitas por Lima Barreto, ao produzir sua obra, e para a sua preocupação em trazer para o espaço literário personagens marginalizadas, num esforço que visa a “desenterrar” histórias esquecidas, pondo em evidência aquilo que se queria encobrir. Com efeito, tal preocupação liga-se ao que Edward Said considera como missão do intelectual, a saber, “(...) alinhar-se aos fracos e aos que não têm representação”

(SAID, 2005, p. 35), missão que só pode ser assumida efetivamente se investida de um agudo senso crítico que leva o pensador a uma não aceitação de “(...) fórmulas fáceis ou clichês prontos, ou confirmações afáveis, sempre tão conciliadoras sobre o que os poderosos ou convencionais têm a dizer e sobre o que fazem. Não apenas relutando de modo passivo, mas desejando ativamente dizer isso em público” (SAID, 2005, p. 35-36).

Lima Barreto assume uma missão “reveladora” e polemicamente crítica, se considerarmos o teor de desvelamento dos males sociais que atravessa toda a sua obra. Entretanto, ao exercer a sua atividade intelectual, o escritor não está livre de incorrer em contradições e de ser movido por valores da sua formação cultural que podem atuar contrariamente aos sentidos de desrealce e de liberdade a que se propõe. A tarefa de representar e de levar ao conhecimento geral a dor dos marginalizados e excluídos da história é complexa e o coloca diante dos dilemas da representação e dos limites do espaço em que se move como escritor — o espaço da linguagem.

A minuciosa descrição por meio da qual nos chega a imagem de Cecília é atravessada por antagonismos e ambiguidades e nos mostra como um intelectual que, tendo se posicionado abertamente em defesa dos excluídos da sociedade, não escapa, porém, às armadilhas do discurso e da própria herança cultural recebida:

A Cecília, tal é o seu nome, é pequena, dá-me pelo peito; é pálida, com aquela palidez mate das prostitutas um tanto diminuída; simples de inteligência, não tem quatro ideias sobre o mundo, aceita o seu estado, acha-o natural, não deita arrependimentos, tem vontade de empregar as elegâncias que aprendeu com as francesas dos grandes bordéis em que andou (Valéry, Richard, etc., etc.). Para mim, apesar da sua maneira de apertar a mão com as pontas dos dedos, ela me fica sendo sempre uma cachopa dos arredores do Porto, meiga, simples, ignorante e um tanto obstruída de inteligência, que um vendaval de miséria trouxe para esta África disfarçada, diminuindo em sua mãe o sentimento de família, aproveitada essa diminuição pela concupiscência dos patrícios que lhe atiraram à grande prostituição, acenando-lhe com a riqueza e a fortuna, que ela não alcançou, talvez porque fosse fundamentalmente boa (BARRETO, 1956, p. 127).

Se é possível captar nas entrelinhas narrativas uma simpatia e um olhar humano para a situação de sofrimento em que vive Cecília, os quais nos ajudam a aproximar duas experiências distintas de exclusão — a do próprio narrador e a da jovem portuguesa —, não escapam também ao crivo analítico do leitor a carga semântica negativa com que é descrita a personagem e os traços de ignorância e subserviência a ela atribuídos, algo que confirma, possivelmente, estereótipos da hegemonia patriarcal. O que, em nosso entendimento, ameniza a violência dessa representação é a acuidade crítica do narrador que, ao transitar pelo terreno movediço da linguagem, opera, por vezes, deslocamentos e produz impactos capazes de “desanestésiar” consciências e desnaturalizar realidades de opressão decorrentes do poderio

de uns sobre outros no âmbito da sociedade. O viés analítico do narrador o faz conceber o Brasil como uma “África disfarçada” e a considerar a situação de Cecília como mais um tipo de escravidão que vigora em plena sociedade republicana, nos anos iniciais do século XX.

O olhar contemplativo do narrador parece empreender uma viagem para além das aparências, buscando dar visibilidade à humanidade daqueles que têm a sua vida desfigurada pelas situações degradantes a que estão submetidos. A sensibilidade às dores de uma moça que teria chegado ao Brasil empurrada por um “vendaval de miséria” direciona o tom lírico da narrativa e desemboca na criação de imagens que reafirmam a dignidade dos excluídos, tendo na tradição bíblico-cristã uma fonte de inspiração.

Essa rapariga, que viu bordéis, ladrões, estelionatários, rufiões e jogadores; que se meteu em orgias; que certamente se atirou a desvios da sexualidade, aparece-me cândida, ingênua e até piedosa. Estou a ver daqui os seus cabelos castanhos, os seus olhos de um azul desmaiado, e não sei por que me lembram Maria Madalena. Há não sei que separação entre o seu passado e presente e a sua alma verdadeira, que tenho um delicioso bem-estar em vê-la. É como se ela me trouxesse “uma redoma de alabastro cheia de bálsamo”. Nessa tarde, eu, com vinte e seis anos, e ela, com vinte e quatro, ainda muito lembrada da vida antiga, conversamos, das seis e meia às dez horas, inocentemente, e que creio que saí com os pés ungidos de nardo, mal enxugados pelos seus lindos cabelos (BARRETO, 1956, p. 127-128).

É sugestiva aqui a aproximação estabelecida entre Cecília e Maria Madalena, bem como a referência à cena bíblica da unção dos pés de Jesus, se considerarmos que Madalena representa, no contexto judaico-cristão, uma categoria de mulheres excluídas social e moralmente, pela sua condição de impureza e de ilegalidade, a quem Jesus, no entanto, acolhe e traz para o seu convívio. As expansões íntimas do narrador superam o mero idealismo romântico no ponto em que toca a análise dos problemas cruciais que cercam a vida dos esquecidos da história, na busca de descoberta dos males geradores da exclusão: “Por que razão o destino tê-la-ia prostituído e atravessado no caminho da minha vida?” (BARRETO, 1956, p. 128).

A narrativa do encontro com Cecília mantém, em suas linhas finais, o lirismo e o tom poético, os quais, se por um lado, criam belas imagens pela via do discurso metafórico, por outro lado, levam-nos a refletir sobre os limites da representação e sobre as ambiguidades que atravessam os discursos:

Como a prostituição me parece sagrada; se não fora ela, esta minha mocidade, órfã de amor, de carinho de mulher, não teria recebido esse raio louro de um sorriso e de um olhar, para me recordar esse misterioso Amor que se sofre, quando se o tem, e se padece, quando se não o tem (BARRETO, 1956, p. 129).

A prostituição ganha matizes ambíguos ao ser tratada, no texto, como um mal que a sociedade produz, do qual resulta a marginalização das pessoas, e, ao mesmo tempo, como

um elemento sagrado, capaz de atuar de modo salvífico. Ambos os casos nos acenam para o poder que se esconde atrás das malhas discursivas, ao qual nem mesmo o intelectual mais comprometido é capaz de escapar.

## **Considerações Finais**

As diversas notas que integram o *Diário íntimo*, de Lima Barreto, nos põem em contato com uma pluralidade de vozes e nos remetem tanto às características formais do gênero diarístico, quanto também engendram novas imagens do escritor, através das quais podemos notar o trabalho e a acuidade crítica de um intelectual que não se sujeitou aos poderes.

O escritor formulou um discurso contra-hegemônico, responsável por deslocar sentidos cristalizados e criar outras imagens sobre si mesmo. Sua obra funciona como dispositivo de revisão do passado, ao tempo em que traz à tona “verdades” encobertas e soterradas ao longo do processo histórico.

A atividade intelectual de Lima Barreto não é isenta de contradições. O escritor transita por zonas ambíguas, deslocando estereótipos criados em torno da sua imagem, insurgindo-se contra o pensamento hegemônico e, ao mesmo tempo, enunciando um discurso que revela as contradições e as fraturas do eu. Nas entrelinhas do *Diário íntimo* é patente essa percepção, algo que sinaliza, em última instância, para a impossibilidade de um exercício intelectual que se processe fora desse mesmo campo de contradições e incoerências: “Em mim, eu já agora tenho observado, há uma série chocante de incongruência de sentimentos desacordes, de misteriosas repulsas” (BARRETO, 1956, p. 51).

Se constatamos que não é possível ao intelectual mover-se fora do campo das ambiguidades e das contradições, é mister ressaltar, todavia, que essa “voz que fala de dentro” desse campo é capaz de promover fendas e rasuras nos discursos hegemônicos de poder, estes responsáveis por justificar e naturalizar preconceitos e relações de dominação. As pequenas fendas abertas viabilizam a emergência de outras vozes e discursos que resistem e se impõem, deslocando imagens e engendrando novos sentidos para o narrado.

## **Referências**

BARRETO, L. *Diário íntimo* – Memórias. São Paulo: Brasiliense, 1956.

FIGUEIREDO, C. L. N. O arquivo e o olhar: da vida literária à rede de imagens culturais. **Matraga**. Rio de Janeiro, v. 14, n. 21, p. 85-103, jul/dez 2007.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Organização e trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.

SAID, E. **Representações do intelectual**: as conferências Reith de 1993. Trad. de Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Página |  
155

WEST, C. O dilema do intelectual negro. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/216682878/O-Dilema-Do-Intelectual-Negro-Cornel-West>. Acesso em: 13 fev. 2017.

## IMAGES OF THE INTELLECTUAL IN THE *INTIMATE DIARY* OF LIMA BARRETO

### Abstract

In this article, we work on a fragment of the *Intimate diary* of the Rio de Janeiro writer Afonso Henriques de Lima Barreto, giving priority to the analysis of two notes from 1908. The comprehension of the autobiographical narrative that underlies the analyses leads us not to the search for a supposed identity or a truth about the author of the text, but, more importantly, impels us to consider the account's potential for moving "truths" and stereotypes, constructed and crystalized throughout the historical-literary process. In this regard, we try to capture, through the ambiguities and fragmentary nature of the *Intimate diary*, the peculiar manner in which the narrator, from his *locus* of enunciation, constructs and deconstructs self-images, especially those that are related to his profile as an intellectual, and executes movements in the hegemonic discourses on power. The reflections will mainly be based on the studies of Edward Said and Michel Foucault.

### Keywords

Images. Intellectual. Lima Barreto.